

## GRAMATICALIZAÇÃO DO ITEM *TIPO* EM FUNÇÃO DE CONECTOR COMPARATIVO

SANTOS, Aymmée Silveira<sup>1</sup>

[aymmeesst@gmail.com](mailto:aymmeesst@gmail.com) – UFPB

SILVA, Camilo Rosa<sup>2</sup>

[camilorosa@gmail.com](mailto:camilorosa@gmail.com) - UFPB

### RESUMO

Os estudos sobre mudança linguística possibilitaram a compreensão de que através da teoria da gramaticalização, a mudança de itens linguísticos tende a se desenvolver de estágios mais concretos para mais abstratos. Pesquisas realizadas demonstraram que o item linguístico *tipo* passou por um processo de gramaticalização e vem sendo produtivo em contextos orais informais, exercendo função, por exemplo, de termo comparativo, ou seja, flutuando da condição de nome para a de conectivo. No entanto, é necessário sabermos se seu uso ocorre também em contextos mais formais, em que os falantes buscam monitorar sua fala. Nesse sentido, o trabalho tem como objetivo analisar o processo de gramaticalização do item linguístico *tipo* em contexto relativamente monitorado de uso da fala, enfatizando o seu funcionamento como termo comparativo e sua recorrência com base nos dados fornecidos pelos informantes da pesquisa. Para isso, serão utilizadas entrevistas disponibilizados pelo Projeto Variação Linguística – VALPB, englobando informantes com nível de escolaridade variando entre ensino fundamental I e ensino superior. O trabalho se fundamenta em aportes da linguística funcional, dialogando com autores como Martelotta (2011) e Hopper (1991). Os resultados demonstram que, mesmo em contextos relativamente monitorados, como em entrevistas, os falantes estão utilizando o item *tipo* como ativador de comparação, embora com menor frequência quando cotejado com usos de termos comparativos reconhecidos pela gramática tradicional.

**PALAVRAS-CHAVE:** tipo. Gramaticalização. conector comparativo.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba.

<sup>2</sup> Doutor em Letras, Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba.

## INTRODUÇÃO

Desde o surgimento e o desenvolvimento de estudos da Linguística Funcionalista, sabe-se que gramática e discurso não são entidades isoladas. Esses dois domínios do universo linguístico existem em função das necessidades de comunicação entre os indivíduos, com vistas a materializar o processo comunicacional, tornando-o produtivo e eficaz.

Dentre as formas de obtenção dessa eficácia mencionada, ocorre a criação de novas expressões ou adoção de novos sentidos para expressões já existentes, fato que pode se efetivar através de um fenômeno denominado *gramaticalização*. Esse fenômeno, em que palavras de valor lexical, representando ações do mundo, se tornam instrumentos gramaticais, possibilita aos usuários da língua a construção de novas funções ou sentidos no discurso, a partir da abrangência sintático-semântica de um mesmo item linguístico. Esse processo de mudança linguística se distancia da noção de homogeneidade da língua, aludida por gramáticos tradicionalistas, que consideram determinados usos da língua como “incorretos”.

Sendo assim, os usos do item linguístico *tipo*, que pode ser utilizado, por exemplo, como estrutura comparativa, passaram por mudanças no que diz respeito aos valores antes atribuídos a eles, de caráter mais restrito, desconstruídos por estudiosos e pesquisadores, tais como o de que *tipo* é “uma gíria falada por adolescentes em grandes centros urbanos” (CASSEB-GALVÃO; LIMA-HERNANDES, 2007, p. 174).

A partir dos estudos nessa área, se chegou à conclusão de que determinadas formas de falar, antes estigmatizadas, passaram a ser incorporadas à comunicação dos falantes da língua portuguesa, independentemente de fatores como classes sociais e/ou níveis de escolaridade, em contextos informais. No entanto, o item em questão nos parece estar sendo utilizado de maneira ainda mais expansiva, sem se restringir

aos contextos extremamente informais de uso língua, em que, como sabemos, se apresentam as falas mais espontâneas e, conseqüentemente, menos monitoradas.

Nessa perspectiva, este artigo, decorrente de pesquisa de mestrado em desenvolvimento, terá como finalidade responder ao seguinte questionamento: “Qual a recorrência e o comportamento do item linguístico *tipo* como termo comparativo em contextos de fala relativamente monitorados<sup>3</sup>?”

A hipótese inicial é a de que o item *tipo* está sendo utilizado com frequência como termo comparativo pelos falantes do português brasileiro, independentemente da natureza dos contextos de comunicação oral, embora, ainda, de modo menos recorrente, em relação a conjunções comparativas reconhecidas pela gramática tradicional.

Para responder ao questionamento, o artigo tem o objetivo geral de analisar o processo de gramaticalização do item linguístico *tipo* em contexto oral relativamente monitorado, enfatizando o seu funcionamento como conector<sup>4</sup> comparativo e sua recorrência com base nas falas dos informantes da pesquisa. Daí, desdobram-se os seguintes objetivos específicos: i) atestar a recorrência desses usos em contextos relativamente monitorados de comunicação oral; e ii) identificar e analisar o processo de gramaticalização do item *tipo* em contextos orais e relativamente monitorados de uso, nos quais os falantes verbalizam informações comparativas em suas elocuições.

A temática ora enfocada se faz relevante ao verificarmos que os estudos de gramaticalização do português falado, comumente, se referem a contextos mais livres de interação. Assim, torna-se oportuno observarmos se esse fato ocorre em contextos mais monitorados de comunicação oral, em que geralmente os usuários da língua

---

<sup>3</sup> Mesmo reconhecendo o esforço dos entrevistadores que realizam o trabalho de cunho sociolinguístico para conduzir seus inquéritos em ambientes o mais distenso possível, não há como não considerar que a presença do próprio pesquisador e o contexto que se institui para a realização desses eventos impõem sobre o informante uma pressão que faz com que ele, por vezes menos, por vezes mais, tente monitorar sua fala.

<sup>4</sup> Ao longo do trabalho, tentamos alternar a referência à classe da *conjunção*, usando esse termo para referirmo-nos à classificação tradicional e o termo *conector* para a abordagem funcionalista. Entretanto, é possível, na maioria dos casos, interpretar um pelo outro sem prejuízo aos sentidos que queremos evidenciar.

buscam adequar a fala ao que compreendem ser recomendado pela norma padrão vigente.<sup>5</sup>

A pesquisa utilizará o *corpus* do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba - VALPB, através de entrevistas coletadas de falantes originários de João Pessoa - Paraíba, abrangendo um total de 48 (quarenta e oito) informantes, sendo 24 (vinte e quatro) do sexo masculino e 24 (vinte e quatro) do sexo feminino, com níveis de escolaridade variando entre Ensino Fundamental I e/ou II e Ensino Médio ou Ensino Superior.

### **Pressupostos dos estudos funcionalistas**

Os estudos funcionalistas põem em evidência o fato de que toda e qualquer língua é sensível a diferenças comportamentais dos indivíduos que as utilizam. Por estar constantemente em uso, a natureza da língua é heterogênea, tal como destacam Labov (2008) e Givón (1979), sendo constituída de variações, que convivem num mesmo espaço de tempo e de mudanças manifestadas na evolução histórica. Dessa maneira, diferentemente do que defendiam os estruturalistas, não há estabilidade universal e permanente em nenhuma língua usada por qualquer comunidade, uma vez que o uso fatalmente implica alterações de forma e/ou sentido.

Nesse contexto, o fenômeno da mudança linguística é entendido como um processo contínuo e gradual, em que dados sincrônicos e diacrônicos são considerados conjuntamente, funcionando como demonstradores confiáveis dessa mudança. Ao mesmo tempo, a frequência das ocorrências também serve como um importante prognóstico de mudanças, de um futuro estabelecimento e manutenção de novos usos linguísticos na gramática. É a sociedade que usa a língua, e, conseqüentemente, o dinamismo das relações sociais atua sobre os fenômenos linguísticos, determinando o

---

<sup>5</sup> Embora o recorte usado neste artigo não dê conta dessa intenção, entendemos que ele sinaliza o percurso que pretendemos trilhar no desenrolar da pesquisa.

surgimento das ocorrências inovadoras e sua frequência, motivadas por práticas discursivas observadas nas experiências interacionais ocorridas entre os falantes.

Na teoria sobre gramaticalização, o fenômeno é definido por diversos autores, entre eles, Martelotta (2011), como o processo de desenvolvimento de estruturas gramaticais a partir de estruturas lexicais e de estruturas mais gramaticais a partir de estruturas menos gramaticais. Essa abordagem vem contribuindo para uma melhor compreensão de como funciona o fenômeno da mudança linguística, uma vez que é através dela que os falantes fazem o uso de certas palavras ou expressões em contextos que não são os seus de origem, criando novas formas ou adotando novos sentidos para expressões já existentes, com vistas a tornar mais eficaz o processo comunicacional. Com o passar do tempo, uma nova construção gramatical resultante da mudança pode continuar a receber novas funções gramaticais e, nesse sentido, o percurso percorrido, conforme defendem os funcionalistas, tenderá a se desenvolver de um estatuto mais concreto para um mais abstrato.

Segundo Heine e Reh (1984) *apud* Heine et al. (1991), quando uma unidade linguística passa pelo processo de gramaticalização, perde complexidade semântica e valor expressivo, já que deixa de funcionar como uma categoria lexical, que representa algo no mundo externo. A unidade linguística também ganha mais significação sintática, já que passa a se tornar um item gramatical ou mais gramatical, enquanto sua posição na oração vai se tornando mais fixa. Por fim, pode ocorrer aglutinação semântica, morfossintática e fonética com outras unidades e perda de substância fonética. Devido a esses aspectos, os estudiosos chegaram à conclusão de que a gramaticalização é um *continuum* evolutivo, influenciado por vários fatores, como o aparato neurofisiológico dos falantes, o ambiente sociocultural que os envolve, o contexto no qual atuam, o contato linguístico, a interferência entre a forma escrita e a forma falada de uma determinada língua, entre outros.

### A gramaticalização e os princípios de Hopper

De acordo com Hopper (1991), a gradação de abstraticidade por que passam as formas em processo de gramaticalização envolve a relação entre aspectos sincrônicos e diacrônicos como também processos pragmático-discursivos. Esse fenômeno assim ocorre, haja vista que a realização da fala é manifestada a partir dos propósitos comunicativos do falante, partindo da expressão de ideias novas para representar conceitos concretos e conhecidos, visando à facilitação da compreensão do ouvinte. Nesse sentido, o estudioso propõe cinco princípios que conduzem a gramaticalização, embora, segundo ele, tais princípios também sejam aplicáveis a qualquer processo de mudança linguística.

O princípio denominado *estratificação* ocorre quando novas camadas emergem continuamente dentro de um domínio funcional e, quando isso acontece, as camadas velhas não são necessariamente descartadas, mas podem coexistir e interagir com as novas. Em outras palavras, a *estratificação* é a competição entre diversas formas, decorrente da inserção de elementos que antes pertenciam a uma categoria em uma outra categoria, a qual já possuía elementos e que tenderão a desaparecerem por serem mais desgastados expressivamente que os recém-inseridos.

A competição entre diversas formas gerada pela *estratificação* se aproxima do que Martelotta (2011) denomina de *mecanismo de extensão ou generalização de contextos*, uma vez que abarca aspectos de natureza sociolinguística, discursivo-pragmática e semântica. Esses fatores dão ênfase à habilidade que o falante possui de utilizar termos já existentes na língua para criar novos significados e, assim, esses termos com novos significados irão competir com itens que já existiam associados a esses significados.

Outro princípio apresentado pelo linguista mencionado é a *divergência*, fenômeno que ocorre quando uma forma lexical se gramaticaliza numa nova função, mas sua forma original permanece autônoma e suscetível a sofrer as mesmas mudanças que os itens lexicais comuns. Tal ocorrência traz como resultado o

surgimento de múltiplas formas de mesma etimologia sem que as antigas desapareçam, embora divirjam funcionalmente. Assim, o item fonte-originário, exercendo função semântica e menos gramatical, pode gerar novos itens e novos processos de gramaticalização.

O princípio da *especialização* é percebido quando, dentro de um domínio funcional, em um determinado estágio, é possível a coexistência de uma variedade de formas com pequenas diferenças semânticas. Na gramaticalização, a possibilidade de escolha diminui e um número menor de formas assume sentidos gramaticais mais gerais, já que passam a ser utilizadas em contextos específicos, diferente dos contextos em que passam a ser utilizadas as formas concorrentes. Esse princípio converge à noção de obrigatoriedade e fixidez inerente à gramaticalização.

A *persistência*, mais um dos princípios apresentados pelo autor, ocorre quando uma forma em processo de gramaticalização, passa de lexical a gramatical, mas alguns traços de seu sentido original tendem a continuar manifestando-se, enquanto detalhes da sua história lexical podem se refletir no condicionamento da sua distribuição gramatical. Na nova função adquirida, a gramatical, a permanência de traços de sua função original reflete no sentido gramatical da forma.

Martelotta (op. cit.) denomina de *dessemantização* a perda de parte do sentido original de um elemento, visto que este passa a ser utilizado em novos contextos, desgastando parte de seu conteúdo semântico e adquirindo funções de natureza pragmático-discursiva. Associada a esse processo, uma motivação recorrente na experiência dos falantes na criação de novas expressões está no fato de que há uma necessidade da utilização de formas linguísticas com sentido mais concreto para expressar novos significados de caráter mais abstrato. Uma das estratégias cognitivas que permite essa criação é a metáfora, de transferência conceptual, a partir da qual, segundo Heine et al. (1991 apud GONÇALVES et al, 2007), “não se formam novas expressões; predicções preexistentes são introduzidas em novos contextos ou aplicadas por meio da extensão de significados” (p. 43). Essa abstratização de significados, em que domínios lexicais ou menos gramaticais se estendem para mapear

conceitos de domínios gramaticais ou mais gramaticas, está relacionada ao modo como os indivíduos compreendem e conceituam o mundo que os cerca, permitindo aos usuários da língua reconhecerem os “conceitos-fontes”, tendo em vista que um conceito é fonte a partir do momento em que se pode relacioná-lo a outro conceito, mais abstrato.

Outra estratégia que colabora para a *dessemantização* é a metonímia, também chamada de inferência, que possui uma motivação pragmática, em que um significado é especificado em termos de outro que está presente, mesmo que esteja encoberto, no contexto, envolvendo uma reinterpretação. Assim, por exemplo, uma palavra quando utilizada em uma frase na qual uma ideia, de alguma maneira, está ligada ao seu significado original, possibilita a formação de um elemento do contexto.

Concluindo essa exposição dos princípios de Hopper, remetemo-nos à *decategorização*, fenômeno que acontece quando, a partir da gramaticalização de uma forma, há perda ou neutralização das marcas de categorias plenas (nome e verbo) e essa passa a assumir características de categorias secundárias, como particípio, conjunções, marcadores etc. Ocorre, portanto, a migração de uma categoria considerada menos gramatical para outra, mais gramatical. Martelotta (op. cit.) considera esse princípio como um mecanismo que constitui uma mudança de classe gramatical, isto é, um item linguístico, ao mudar de sua categoria original para outra, aos poucos, vai se fixando na língua novamente, deixando de ser uma categoria livre. Associado a esse mecanismo, Martelotta (op. cit.) também menciona o mecanismo de erosão ou redução fonética, em que o elemento, ao mudar de categoria, pode sofrer fusão ou redução de forma, algo recorrente na atividade interacional, provavelmente, influenciado pelo princípio da economia linguística.

### **A gramaticalização do item *tipo* em entrevistas sociolinguísticas**

Com o propósito de analisar o processo de gramaticalização do termo *tipo* funcionando como conector de comparação, foi feita uma quantificação da frequência



do termo em entrevistas do Projeto Variação Linguística na Paraíba - VALPB. Foram selecionadas entrevistas realizadas com 48 (quarenta e oito) informantes pessoenses, contemplando níveis de escolaridade diversos, desde o ensino fundamental I até o ensino superior, para verificar se o termo com a função em questão está sendo utilizado em contextos (mais) monitorados. Com base nas entrevistas selecionadas, verificamos a ocorrência de 09 (nove) ocasiões em que o *tipo* foi utilizado como conector comparativo, dentre as quais, elencamos 05 (cinco) para analisarmos, conforme serão apresentadas a seguir.

Antes de passarmos às análises propriamente ditas desses usos, julgamos relevante apresentar como o item *tipo* é tratado por lexicógrafos, com vistas a observar a categoria original da qual faz parte e uma possível associação do sentido do termo como conector comparativo a algum desses significados. Para isso, apresentamos os significados registrados nos dicionários virtual *Dicio*<sup>6</sup> e Mini dicionário Aurélio, respectivamente:

s.m. Espécie; qualidade comum usada para separar os indivíduos ou coisas em grupos: cantores do mesmo tipo; adoro esse tipo de música.

Modelo; o que se utiliza para fabricar outro igual ou parecido.

Símbolo; algo ou alguém cujas características distinguem uma classe.

Comércio. As qualidades que definem um produto: ovos tipo C.

Linguística. Cada categoria usada na classificação tipológica dos idiomas.

Informal. Indivíduo diferente, original: sempre foi um tipo!

Informal. Cara; designação de uma pessoa: sempre foi um tipo mentiroso.

Grupo das características distintivas de uma raça, família ou de indivíduos de uma certa região: tipo mineiro; tipo italiano.

Biologia. Nova espécie cuja descrição original serve de modelo para esse espécie.

Tipologia. A impressão tipográfica ou qualquer sinal tipográfico.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.dicio.com.br/>. De acordo com a descrição encontrada no *site*, o *Dicio, Dicionário Online de Português*, é um dicionário de Língua Portuguesa contemporânea, composto por definições, significados, exemplos e rimas que caracterizam mais de 400.000 palavras e verbetes.

Cinema. Televisão. Modo de interpretação próprio do ator; as características de um personagem.

(Etm. do latim: *typus*.i)

(Dicio.com)

Ti.po: s.m. 1. Coisa que reúne em si os caracteres distintivos duma classe. 2. Exemplar, modelo. 3. *Fam.* Pessoa esquisita, excêntrica. 4. Qualquer indivíduo. 5. *Tip.* Peça de metal fundida, cujo relevo imprime determinada letra ou sinal. 6. *Tip.* Letra impressa, caráter.

(Mini Dicionário Aurélio, 2000)

Conforme podemos observar nos dicionários, o termo *tipo* funciona, originalmente, como substantivo, fazendo parte, portanto, da categoria lexical, significando, de modo geral, um termo para distinguir algo ou alguém ou, ainda, servindo como equivalente a modelo. O dicionário virtual consultado, por ser mais contemporâneo, também nos apresenta um significado mais informal para a palavra, que funciona como caracterizador, designador de um indivíduo, exemplificado pela sentença ‘sempre foi um tipo mentiroso’, servindo de componente avaliativo.

Dito isto, passemos à apresentação e análise das ocorrências de *tipo* com função de conector comparativo, com base nos recortes das entrevistas, a seguir:

(01) E \* E como é que foi, você poderia contar uma dessas peças, como é a estória de uma delas? “Sonho de uma Noite de Verão”?

I \* Bom, o “Sonho de uma Noite de Verão” é muito interessante, porque tem um um punk, que é o que {inint} faz o personagem assim como um duende, ele mistura <a> **tipo assim: tipo** uma mágica, entendeu? bota em pessoas erradas que se apaixonam errado, entendeu? Depois ele vai e faz ao contrário, faz as pessoas dormirem, pra é: acaba o encanto. É

bem interessante, entendeu? É de William Shakespeare, trabalha uma obra dez, né? (**Masculino, Ensino médio**)

Na ocorrência (01), presente em entrevista feita com um informante que cursou o Ensino Médio, há o uso do item *tipo* duas vezes. Durante a narração da peça *Sonho de uma Noite de Verão*, o informante faz a utilização de *tipo*, primeiramente, agregado ao advérbio de modo *assim*. Devido a essa adjunção, nota-se que a expressão *tipo assim*, que é bastante comum em conversas informais, funciona de modo a introduzir uma explicação, enfatizada pelo uso dos dois pontos transcritos na entrevista e pelo termo *assim*, que, nesse contexto, funciona como equivalente a *dessa maneira, desse modo*. Ao mesmo tempo, a explicação é de base comparativo-aproximativa, uma vez que a *mistura* de que fala o informante é comparada aproximativamente a uma mágica.

No entanto, vemos que, logo em seguida, o entrevistado faz uso do *tipo*, que funciona mais especificamente como conector comparativo, haja vista que estão sendo articulados elementos semelhantes da mesma sentença, isto é, retomando a informação de que a *mistura* feita pelo duende é comparada a uma mágica.

Através desse dado, percebemos o nível de atuação do termo *tipo*, que sofre uma mudança de categoria lexical, plena, autônoma e com bastante expressividade semântica, pois antes funcionava, conforme pudemos ver no dicionário virtual, como um substantivo, para uma categoria gramatical, mais dependente dos outros elementos presentes na sentença, sendo constituída de um valor textual e discursivo mais forte. Tal fato nos remete ao que é defendido por Heine e Reh (1984) *apud* Heine et al. (1991), pois, segundo os autores, quando uma unidade linguística passa pelo processo de gramaticalização, perde complexidade semântica, já que deixa de funcionar como uma categoria lexical, que representa algo no mundo. O item se destitui de sua carga semântica original, assumindo caráter (cada vez) mais gramatical, transitando de um sentido mais concreto para um mais abstrato, numa trajetória que poderia ser assim especulada: léxico > sintaxe > texto.

O funcionamento do termo *tipo* como conector comparativo fica ainda mais claro quando o substituímos por uma conjunção comparativa presente na Gramática Tradicional. Neste caso, especificamente, poderíamos substituir o *tipo* pelo item conjuncional *como se*, em que a sentença ficaria da seguinte forma: ‘ele mistura (algo) *como se* fosse uma mágica, entendeu?’, não havendo alterações relevantes em relação ao sentido.

A utilização de *tipo* com função de conector comparativo também pode ser vista no dado (02):

(02) I\* Bom, eu acho que: antes de tudo [cê] deve se dedicáø aos estudos, né? você tem que chegáø e: + leváø a sério + o: que os professores + nos aconselham na na (gaguejo) sala de aula, é: procuráø se atualizáø, não tá, não ficáø estagnado, né? nos assuntos. <A sep> Sempre que um professôø passáø um assunto você não ficáø só com aquilo, você i:ø mais além, procuráø + é: + mais + é: poderia dizêø, + um assunto bem mais profundo do o que o que ele passôø, + porque ele ali ele apenas + dá: **tipo** uma introdução. Você é quem deve chegáø e procuráø o desenvolvimento + da coisa. É: eu acho + que: é por aí: você tem que estudáø, tem que sêø um cara forte, é: corajoso, porque é uma [ma-] é uma área, a Educação Física que:, + como acho que muitas ôøtras + num num tem um bom rendimento, + é, levando pra relação do do do lucrativo, né? você num ganha muito bem, num é muito valorizado, infelizmente. **(Masculino, Ensino Superior)**

Produzido por um informante com nível superior de escolarização, o termo *tipo* funciona como conector comparativo, uma vez que o falante, explicando a importância

de um aluno se dedicar aos estudos fora da sala de aula, pois o professor não aborda o assunto de maneira aprofundada, compara a maneira que este ministra o conteúdo a uma introdução. Assim como em (01), se substituíssemos o termo em destaque por um outro conector comparativo, por exemplo, a forma *como se*, daríamos conta da comparação, sem interferir no sentido da informação. Dessa maneira, a sentença ficaria: ‘...porque ele ali ele apenas dá *como se* fosse uma introdução’.

Pensando no que propõe Hopper (1991), seria possível afirmar que durante o processo de gramaticalização do termo *tipo*, ocorre o princípio de *estratificação*, tendo em vista que uma nova camada (*tipo*) emergiu dentro do domínio funcional das conjunções comparativas, mas as camadas velhas, ou seja, as conjunções comparativas que já existiam na língua, não foram descartadas, coexistindo com a camada nova. Exemplos de conjunções comparativas consideradas tradicionais que são utilizadas pelos falantes do português brasileiro são: *como*, *tal como*, *como se*, entre outras.

Ao mesmo tempo, recorrendo a Martelotta (2011), podemos ver que houve um *mecanismo de extensão ou generalização de contextos*, uma vez que a partir da habilidade que o falante possui de utilizar uma palavra já existente na língua, com função de substantivo, criou um novo significado, com função de conjunção comparativa. O termo *tipo*, com este novo significado, passa a competir com itens que já existiam associados a esses significados, conjunções comparativas como as mencionadas.

Observemos mais uma ocorrência do *tipo* com função de conector comparativo:

(03) E\* E o que a gente pode dizêø que se ganha com esses gibis, em termos de conhecimento, até os temas assim abordados [né-] nessas histórias?

I\* Ganha, ganha e muito. É: o pessoal, infelizmente, assim, as pessoas que + não lêem, né? + não entendem, + ficam criticanø, né? Acham que é, aquilo ali é, como eu falei, assim,

eles acham que é **tipo** uma coisa pra criança. Em resumo é isso, o pessoal que não conhece, né? Mays tão muito erradas, assim. Você lê, eles têm, + trayz várias informações, principalmente de, + assim, de ôøtros países, né? Você passa a conhecêø coisas, é: lugares, + costumes, né? que você não conhecia.

**(Masculino; Ensino Superior)**

Assim como em (02), a ocorrência (03) evidencia a fala de um informante com nível superior de escolarização. Nesse dado, vemos uma situação em que o entrevistado fala sobre a importância da leitura de gibis, afirmando que muitas pessoas não fazem a leitura desse tipo de texto porque o comparam a algo que é destinado apenas a crianças. Para estabelecer essa comparação, o informante utiliza o item *tipo*, que funciona como conector, pois articula a informação *ler gibis a coisa para crianças*.

Dessa maneira, a substituição do *tipo* por uma conjunção comparativa prototípica, formaria a sentença: 'Acham que é, aquilo ali é, como eu falei, assim, eles acham que é *como* uma coisa pra criança'.

O processo de gramaticalização: *tipo* (substantivo) > *tipo* (conector), nos remete ao segundo princípio de Hopper (1991), o da *divergência*, uma vez que a forma lexical *tipo* (substantivo) se gramaticaliza e, mesmo assim, seu uso lexical permanece autônomo, resultando no surgimento de múltiplas formas de mesma etimologia que convivem numa mesma sincronia, embora diverjam funcionalmente.

Também associamos esse processo ao princípio de *decatégorização*, proposto por Hopper (1991), já que a partir da gramaticalização, o termo *tipo* neutraliza as marcas de categoria plena e passa a assumir características de categoria secundária, de conjunção, havendo a migração de uma categoria menos gramatical para outra, mais gramatical, embora o sentido de *tipo* como substantivo não tenha desaparecido, conforme vimos através do princípio de *divergência*.

Com base no dado (04), vejamos a ocorrência do princípio de *persistência* por que passa o item *tipo*, no processo de gramaticalização:

(04) E\* Você faria um ôtro curso para ganháø mais dinheøro, por quê?

I\* Faria ôtroo curso para ganháø dinheøro, porque aparecenøo oportunidade, né? Um curso <tipo> hoje em dia que o pessoal <fazeno> que tá fazeno Direito, tá tendo <vários> várias oportunidades, né? De emprego como juiz e tudo, e é uma coisa que leva até a têø dinheøro, então eu acho que eu deøxaria, tenøo oportunidade para ganháø mais dinheøro, me sustentáø sozinho, têø uma condição financeøra estável como eu tenho ôø melhor do que tenho, eu deixaria contabilidade ôø faria os dois cursos, num é? Se fosse possível, se não, se o ôtro me me me propusesse até financeøramente melhóø, eu deøxaria contabilidade, se não, ficaria nos dois.

**(Masculino, Ensino Superior)**

Na ocorrência (04), o informante, que cursou o nível superior de escolarização, responde a pergunta feita pelo entrevistador acerca de fazer outro curso com a finalidade de ganhar mais dinheiro, afirmando que faria sim, se tivesse oportunidade. O entrevistado compara a escolha do curso que faria aos cursos acessíveis hoje em dia, como o de Direito, que gera oportunidades de empregos de alta remuneração, como o de juiz: 'um curso *como* hoje em dia...'

Podemos observar o princípio de *persistência*, proposto por Hopper (op. cit), no processo de gramaticalização do item linguístico analisado, pois quando passou de lexical a gramatical, alguns traços de seu sentido original tenderam a continuar. Podemos compreender tal aspecto quando observamos a associação do uso de *tipo*

como conector comparativo com um dos significados de *tipo* como substantivo, presente no dicionário virtual, isto é, 'Modelo; o que se utiliza para fabricar outro igual ou parecido', já que ao fazermos uma comparação, podemos estar dando ideia de igualdade, de algo parecido. Nessa perspectiva, também podemos evidenciar que ao substituímos o *tipo* (conector comparativo) por uma conjunção mais tradicional, observamos o aspecto da igualdade, e não de inferioridade e superioridade contidos em outras conjunções comparativas.

Outra consequência do princípio de *persistência* é a de que na nova função adquirida, a gramatical, a permanência de traços de sua função original refletiu no uso gramatical da forma, como vemos no dado (05), a seguir:

(05) E\* Se você ganhasse na loteria a quem você ajudaria e por quê?

I\* Eu ajudaria ajudaria meus familiares, né? Ajudaria porque + ajudaria minha mãe, porque foi ela que me criou, minha irmã que é uma pessoa que tenho, que eu tenho convivência, + que eu tenho convivência diária, entendeu? Ajudaria as pessoas [pesso] minha avó, ajudaria, porque são pessoas da minha família, são do meu sangue e eu ajudaria a eles.

E\* E que sonhos você realizaria?

I\* Sonhos? Eu acho abririria pra mim um shopping, um shopping, talvez, não seø se vai sêø um shopping **tipo** o Manaíra ali, um shopping. Abriria um mercado de trabalho para mim, fareria uma viagem pøa Europa, pøa i:ø para: vamoø dizêø, têø mais cultura e deøxáø de de vêø tanta coisa feøa que a gente vê aqui; pessoas mal educadas [sem edu] (risos) sem educação que nós vemos, né? então eu acho que faria uma



cultura pra mudáø talvez, quem sabe, é: entendêø um pôøquinho a cultura dos ôøtros e tentáø compreender essas pessoas que a gente vê aí, que tem gente que não sabe se comportáø em certos lugares, entendeu? É, gente grossa.

**(Masculino, Ensino Superior)**

A fala exposta na ocorrência (05), coletada de informante que cursou Ensino Superior de escolarização, apresenta como um de seus sonhos abrir um *shopping* que seja parecido com o *Shopping* Manaíra: '(...) um shopping *como* o Manaíra ali'. Esse recorte nos mostra que a forma *tipo* pode assumir mais de uma posição na sentença, por exemplo: '(...) um shopping *tipo* o Manaíra ali', '(...) *tipo* o shopping Manaíra', sem que o sentido se altere. Nesse caso, o item revela guardar traços de sua atuação como substantivo, com maior possibilidade de flutuação na estrutura da oração. Ou seja, manifesta-se o princípio da *persistência*.

Após a análise dos cinco dados expostos, podemos quantificar, relacionado ao nível de escolaridade dos informantes que, de um número de cinco (05), quatro (04) cursaram Ensino Superior e um (01), Ensino Médio. Essa constatação ratifica que o processo de gramaticalização de *tipo* (categoria lexical) para *tipo* (categoria gramatical) está sendo alimentado por falantes de nível de escolaridade mais elevado. Importa considerar, ainda, que isso ocorre em contextos relativamente monitorados, considerando que os participantes de uma entrevista tendem a dispensar maior cuidado à fala, especialmente, em se tratando de indivíduos com um nível mais avançado de domínio do registro culto da língua.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, apresentamos a análise do processo de gramaticalização por que passa o item linguístico *tipo* a partir de entrevistas provenientes do *corpus* VALPB. Constatamos que, tradicionalmente, o item é classificado como substantivo e, de

acordo com a pesquisa, atualmente, funciona, também, como conector comparativo, ou seja, persistem os usos de *tipo* em sua função original.

Através da apresentação dos princípios de gramaticalização definidos por Hopper (1991) e corroborados por Martelotta (2011), pudemos identificar como se dá o processo de gramaticalização de *tipo*, ao mesmo tempo em que buscamos fazer a substituição do item por conjunções elencadas na Gramática Tradicional, no intuito de facilitar a visualização do funcionamento de *tipo* como conector comparativo nos exemplos evidenciados.

Além disso, vimos que alguns dos traços originais de *tipo*, de certa forma, foram mantidos nos deslizamentos efetuados, revelando a atuação do princípio da persistência, conforme proposto por Hopper (op. cit.).

Por fim, verificamos que o item linguístico *tipo* com função conectiva, embora não muito recorrente nas entrevistas, foi evidenciado, principalmente, através da fala de indivíduos que detém nível superior de escolarização, o que demonstra a produtividade inovadora do item entre os falantes de nível de escolaridade mais elevado.

## REFERÊNCIAS

- CASSEB-GALVÃO, Vânia; LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Gramaticalização e ensino. In: GONÇALVES et al (org.). **Introdução à gramaticalização**: princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola, 2007.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- GIVÓN, T. **A compreensão da gramática**. São Paulo: Cortez; Natal, Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2012.
- \_\_\_\_\_. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979.
- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. **Grammaticalization**: a conceptual framework. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HORA, Dermeval da. e PEDROSA, Juliene Lopes R. (orgs). **Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba (VALPB)**. 5 V. João Pessoa: Idéia, 2001.
- HOPPER, Paul J. **On some principles of grammaticalization**. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernd (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Vol.I: Focus on

theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991.

LABOV, William. **O estudo da língua em seu contexto social**. In \_\_\_\_\_. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTELOTTA, Mário E. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.